

A MAGIA DO CIRCO UNIVERSAL

Fernanda Scopel Falcão
Mestranda em Estudos Literários/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Verifica, nos constituintes da obra *Circo universal*, as características que permitem sua inclusão no panorama da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea, diferenciando suas tendências das preconizadas pelo modelo “realista” que predominou até os anos 60. Parte de uma análise temático-formal para refletir sobre a necessidade de estimular, sobretudo nas crianças, a fruição de textos que não escamoteiam o enfrentamento artístico do literário e para lembrar a importância da configuração do ato de leitura numa experiência estética que seja verdadeira e socialmente compartilhada.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil (Crítica); Literatura Brasileira Contemporânea (Literatura Infanto-juvenil); Raimundo Carvalho (*Circo universal*).

Résumé: On vérifie, dans les constituants du *Circo universal*, les caractéristiques qui permettent son inclusion dans le panorama de la littérature d'enfance et de jeunesse brésilienne contemporaine, en différenciant ses tendances de celles préconisées par le modèle “réaliste” qui a prédominé jusqu'aux années 60. On part d'une analyse thématique et formel pour réfléchir sur la nécessité de stimuler, surtout parmi les enfants, le plaisir des textes qui n'escamotent pas l'affrontement artistique du littéraire et aussi pour rappeler l'importance de la configuration de l'acte de lecture dans une expérience esthétique qui soit vraie et socialement partagée.

Mot-clef: Littérature d'enfance et de jeunesse (Critique); Littérature Brésilienne Contemporaine (Littérature d'enfance et de jeunesse); Raimundo Carvalho (*Circo universal*).

O importante é que a literatura nunca prescindia de sua característica maior: entreter o leitor, aguçar a sua imaginação e fazer com que ele viva melhor ao ter acesso a uma realidade que só a imaginação via literatura pode intuir.

Raimundo Carvalho

Não é por acaso que o *Circo universal*, elaborado por Raimundo Carvalho, Ivan Luís B. Mota e Demóstenes Vargas, ganhou a chancela de “Altamente Recomendável” conferida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, recebeu o prêmio Malba Tahan e passou a figurar entre os dez finalistas do Prêmio Jabuti. O livro é oposto ao modelo pedagógico de literatura infantil “realista”. Essa obra é o que se pode chamar, dentro dos padrões contemporâneos, de um projeto arrojado, que assume o enfrentamento artístico com o literário, experimentando e descobrindo diversos caminhos, como na vida (PALO; OLIVEIRA, 1992).

O modelo pedagógico, em voga no Brasil até a década de 60, produzia uma literatura infanto-juvenil marcada pelas “lições” e pelos temas que pretendiam ensinar virtudes e indicar os caminhos morais a serem seguidos pelas crianças. No caso da poesia, esse processo “realista” refletiu-se num conservadorismo formal e no compromisso com a pedagogia (MOREIRA, 1997, p. 11).

Na atualidade, a boa poesia quer apresentar uma elaboração da linguagem que se distancie do pensamento racional. É assim o *Circo universal*, uma espécie de enciclopédia literária do circo, que mescla informação e diversão e tem uma estrutura pouco convencional. Para além dos moldes racionais cartesianos, essa obra é uma espécie de composição em mosaico; são capítulos e subcapítulos em que se encontram prosas poéticas (“Quem vem lá?”, “O maior espetáculo da terra”, “Hora de ir embora”); informações, muitas vezes em forma de narrativa, sobre o circo, suas origens, seus componentes, sua história e tradição no Brasil e no mundo (“Um breve histórico do circo”); o poema “Circo universal”, escrito por Raimundo Carvalho, que é uma espécie de leitura emotiva do material iconográfico e do restante escrito; duas chulas de palhaço, com aqueles versos tão conhecidos de todos nós: “Hoje tem espetáculo? Tem sim senhor [...] E o palhaço o que é? É ladrão de mulher”. Esse mosaico circense ainda fala da vida de palhaços, como Piolim e Carequinha, que marcaram a infância de muita gente e, por fim, conta com um “Glossário ilustrado do circo”, onde os leitores podem desvendar o que não conhecem do vocabulário circense.

Essa formulação difere do conservadorismo formal que comumente se pratica na literatura infanto-juvenil. Assim, o *Circo universal* assume a circularidade enciclopédica e nada convencional do mundo presente na nossa própria estrutura mental, como relatou Raimundo Carvalho em entrevista:

Nada melhor e mais atual do que a imagem de uma enciclopédia para ilustrar o desejo de conhecimento e diversão do ser humano. Esse é um ideal tão antigo e muito moderno. A ficção borgiana tematizou esse desejo sempre recorrente. O próprio circo é algo enciclopédico, circular, por onde circulam muitos saberes e artes. A estrutura em mosaico, de certa forma, mimetiza a nossa estrutura mental, assimétrica e aparentemente anárquica (CARVALHO, 2005).

Também é característica da poesia contemporânea que apresenta valor estético – para aproximar-se da maneira como a criança apreende o mundo – a eleição de temas do cotidiano infantil, focalizando as crianças em situações individuais ou familiares, salientando sua “capacidade de rebeldia, criação e independência” (MOREIRA, 1997, p. 13). No livro aqui analisado, há vários trechos que se coadunam com esses objetivos, como na prosa poética “Quem vem lá?” (p. 7), em que um menino descobre a chegada do circo em seu bairro:

Um elefante toca a trombeta de sua tromba. Um urso espreguiça a preguiça com seu urro. O menino não cabe em si, explode, explode! Ele pula da cama, escancara a porta da sala, enfrenta o frio matinal de pijama e pés descalços e grita, grita mais alto que o leão, que o galo, que o urso ou o elefante, grita de braços abertos para o sol curioso e vermelho que, hoje, até nasceu mais cedo:
— ELE CHEGOU!
O menino corre desabalado, quase voa [...]

O *Circo*, mais uma vez, aproxima-se do que se espera das obras literárias valorizadas esteticamente, pois possui “configurações plásticas, [...] mergulhando crianças e paisagens num mundo de cores, sensações, sinestésias, [...]” (MOREIRA, 1997, p. 13). Ademais, a imagem no *Circo universal* não é apenas apoio às palavras, mas parte do todo textual, que se configura verbo-visualmente. Num seu artigo intitulado “Ilustrações verbais”, Raimundo Carvalho discute a primazia da palavra sobre a imagem, um hábito comum à civilização ocidental. Segundo ele, “trata-se de um logocentrismo de raízes profundas que privilegia o conceito, a lógica, a racionalidade em detrimento da intuição, do paradoxo e da criatividade” (CARVALHO, 2002, p. 205). Mas, por fugir ao modelo racional, em seu livro as imagens têm um aspecto central, são “importantíssimas, pois elas além de resgatar o clima circense, contêm muitas informações de caráter antropológico como os gestos, as caretas, as roupas dos personagens do circo, etc.”.

E mais, porque “a ilustração numa obra de literatura para criança contribui com o clima de magia que deve ser instaurado pela escrita, além de valorizar o livro como objeto artístico. Um livro sem imagens é um livro triste” (CARVALHO, 2005). No artigo acima citado, Raimundo relata a importância do visual para a elaboração do *Circo*:

A ilustração serviu como um roteiro na construção do texto verbal. [...] Primeiramente, Demóstenes fez uma ampla pesquisa sobre o tema, reuniu

livros e imagens sobre o circo. O nosso amigo comum, Ivan Luís Mota, um dos autores, fez um trabalho de síntese da pesquisa, que Demóstenes, eu e, posteriormente, a editora Rita Espechit reelaboramos do ponto de vista literário e da adequação ao público alvo. Ressalto neste trabalho a orientação visual que desde o seu início este livro [*Circo Universal*] teve. Ao escrever o poema que dá título ao livro, eu tinha diante de mim as muitas imagens produzidas pelo artista, além daquelas suscitadas pelo imaginário do tema (CARVALHO, 2002, p. 205-206).

Em relação à construção verbal, todo o livro explora ao máximo a força poética dos jogos de palavras, aliterações, assonâncias e rimas. Esse recurso é empregado nos trechos de prosa, como em “Quem vem lá?” – por isso o denominamos aqui de prosa poética –: “Um elefante toca a trombeta de sua tromba. Um urso espreguiça a preguiça com seu urro”; mas, principalmente, no poema central “Circo universal” (em Anexo), composto por Raimundo Carvalho. Vejamos, por exemplo, as aliterações em “l” e “j” e a assonância em “e” dos versos 15 a 19:

O leão alado
de juba amarela
atravessa a roda de fogo.
A pantera deseja
que sua jaula seja uma janela.

Nesses mesmos versos, ainda podemos conferir rimas internas: amarela/pantera/ janela; deseja/seja. Exploração sonora que continua a ser empregadas em todo o poema. Como nos versos seguintes (20-23) a rima (elefante/ ofegante) e as aliterações em “f”, “t”, “c” e nasais; como nos versos 34-36 o jogo de palavras:

O elefante ofegante
toca em sua trombeta
uma canção que só as crianças
escutam.
[...]
O circo
Babel ambulante, está montado:
o domador fala russo com o urso.

Ainda, demonstrando o que já havíamos apontado anteriormente – a não escamoteação do literário e o enfrentamento com o trabalho artístico –, encontramos rimas ricas como nos pares vazio-surgiu e fácil-palhaço (v. 27-33):

No começo,
o mundo era sem forma e vazio.
Deus soprou,
e a lona do céu surgiu.
Depois, o resto ficou fácil.
Com o barro, fez os bichos
e o palhaço...

É uma poesia que dispensa rótulos, já que, antes de ser infanto-juvenil, é literatura da mais alta qualidade poética e estética. É um trabalho que não subestima a criança, mas trata-a como um ser pensante, com suas curiosidades, coragens e medos. Por conseguinte, a obra em questão vem ao encontro do que a poesia contemporânea costuma estabelecer por conteúdo. Assim, a aproximação com o universo infantil “ocorre também no contexto metafísico. [...] puxando os fios do sonho e da realidade, a poesia infantil dá configuração verbal às perplexidades e impasses da condição humana” (MOREIRA, 1997, p. 13). E isso não deve ser motivo de surpresas ou preocupações, afinal

as crianças são incrivelmente inteligentes, porque para elas as palavras não são obstáculos, são janelas que dão direto no quintal da imaginação. As dificuldades que porventura elas tiverem quanto ao significado desta ou daquela palavra [no caso do *Circo Universal*], podem ser resolvidas com uma olhada nas imagens ou no glossário e mesmo com uma consulta aos pais ou professores. Penso que devemos romper com aquela noção de que a leitura é um ato solitário, como no século XIX, e sim um ato solidário, pois na era das imagens e dos games a diversão deve ser partilhada entre todos. Temos de romper também com o conceito de que a criança é um ser humano incompleto, pois desde muito cedo ela se depara com os problemas de todos nós: o amor, a morte, o sexo, a violência, o poder, a presença ou ausência de deus (CARVALHO, 2005).

Por isso, no *Circo universal*, encontramos o trabalho lúdico de temas de matiz metafísico, como quando da comparação do circo a temas bíblicos:

– a criação:

No começo,
o mundo era sem forma e vazio.
Deus soprou,
e a lona do céu surgiu.
Depois, o resto ficou fácil.
Com o barro, fez os bichos
e o palhaço...

– a torre de Babel:

O circo,
Babel ambulante, está montado:
o domador fala russo com o urso.
O dono do circo é italiano,
o trapezista, ucraniano.
O macaco... Ah! é brasileiro,
poliglota e sabichão,
trabalha de tradutor
no meio da confusão.

– a arca de Noé:

O primeiro circo do mundo
foi a arca de Noé.
Depois do dilúvio,
nenhum bicho quis ir embora.
O jeito foi contratar bailarinas e músicos.

Também quando do tratamento de temas filosófico-existenciais, o fim do mundo e o eterno retorno:

O circo infinito do mundo
um dia vai ser desarmado.
Outros circos virão
com os trapezistas a voar
nas muitas voltas
do tempo circular.

E essa eterna volta revela-se também no relacionamento dos leitores adultos com o livro, pois “diante do circo não há como não viajar em círculo, numa espécie de eterno retorno àquela condição paradisíaca que qualquer adulto atribui ao tempo de infância” (CARVALHO, 2002, p. 206). Até mesmo na composição do livro pelos autores verifica-se essa viagem ao passado: como sabemos que os autores são naturais do interior de Minas Gerais e que nesse local, no tempo de suas infâncias, os circos tradicionais apareciam esporadicamente (causando uma mudança total na costumeira rotina interiorana e instaurando uma aura de magia na imaginação das crianças, principalmente), não fica difícil constatar que eles, no momento da elaboração da obra, também queriam resgatar em suas memórias algo que já estava quase perdido no tempo ou, em nosso mundo real, relegado aos espaços marginais. Até mesmo nas imagens, especialmente às páginas 26 e 27 em que aparecem igrejazinhas e casarios ao estilo mineiro, percebemos esse retorno.

E o universo mágico instaurado pela palavra e pelas imagens – evocando o mundo dos equilibristas, dos trapezistas, dos bichos, dos palhaços –, presentifica esses seres na imaginação do leitor (adulto ou criança), proporcionando-lhe o acesso a uma realidade que só é possível via literatura.

Vemos, com isso, que a obra é mais que um convite à leitura; é sobretudo uma forma de resgate, por meio da interação entre adultos e crianças num “ato solidário”, da alegria e multiplicidade de conhecimento e diversão proporcionado pelo mundo circense. Resgate esse que pode ser atualizado no real já que, como relata Carvalho, em vários lugares onde o livro foi trabalhado “por professores, pais e alunos, o produto final foi sempre a ‘festa’, em forma de circo, canções, palhaçadas, danças, mímicas, desenhos, pinturas, esculturas, e poemas outros (dos próprios alunos), além de pipoca, algodão doce, maçã do amor, refrigerantes” (2005).

Pelo exposto – e pelo muito que aqui não nos foi possível abordar (por isso fica um convite à leitura!) –, o *Circo universal* é mais que um livro, é uma enciclopédia literária do circo; ainda, é mais que um texto literário-informativo, pois além dos dados sobre o circo, sua história, seus personagens, seus elementos constituintes, a obra conduz a uma experiência estética verdadeira e socialmente compartilhada: “trata-se de um livro que convida à festa, à alegria e ao convívio humano” (CARVALHO, 2005).

Referências:

CARVALHO, Raimundo; MOTA, Ivan Luís B.; VARGAS, Demóstenes. *Circo universal*. Belo Horizonte: Dimensão, 2000.

_____. Ilustrações verbais. In: SOUZA, Santinho Ferreira de (Org.). *Olhares e perguntas sobre ler e escrever*. Flor&cultura: Vitória, 2002. p. 205-207.

_____. *Sobre o Circo universal*. Entrevistadora: Fernanda Scopel Falcão. Vitória, 17 out. 2005 [Inédito].

MOREIRA, Terezinha T. Tempos da poética infantil. *Releitura*, n. 10, p. 11-18, jun. 1997.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa. *Literatura infantil*. São Paulo: Ática, 1992.

ANEXO:
“Circo universal” (poema)

- 1 O circo chegou
e mudou
a cara do mundo.
Onde havia
- 5 a vidinha de todo dia,
agora passa o palhaço,
a serpente,
a fera que assusta a gente.
- O circo chegou
10 para alegrar meninos
e meninas.
- O circo chegou
para renascer nos velhos
a alma de menino.
- 15 O leão alado
de juba amarela
atravessa a roda de fogo.
A pantera deseja
que sua jaula seja uma janela.
- 20 O elefante ofegante
toca em sua trombeta
uma canção que só as crianças
escutam.
- O circo chegou
25 para fazer a roda do mundo girar,
para fazer o tempo circular.
- No começo,
o mundo era sem forma e vazio.
Deus soprou,
- 30 e a lona do céu surgiu.
Depois, o resto ficou fácil.
Com o barro, fez os bichos
e o palhaço...
- O circo,
35 Babel ambulante, está montado:
o domador fala russo com o urso.
O dono do circo é italiano,
o trapezista, ucraniano.
O macaco... Ah! é brasileiro,
- 40 poliglota e sabichão,
trabalha de tradutor
no meio da confusão.
- O primeiro circo do mundo
foi a arca de Noé.
- 45 Depois do dilúvio,

nenhum bicho quis ir embora.
O jeito foi contratar bailarinas e músicos.
Bilheteria não havia,
a entrada era franca.
50 Assim o mundo se refez
na maior camaradagem.

O circo infinito do mundo
um dia vai ser desarmado.
Outros circos virão
55 com os trapezistas a voar
nas muitas voltas
do tempo circular.

O circo vai embora,
mas deixa um brilho contente
60 na cara de toda gente.

Nas noites de lua cheia
as crianças pensam que a lua
é a cara branca de um palhaço divino.